



Flor do Carmelo

Boletim informativo da Ordem Secular dos Carmelitas Descalços
N.º 5 – 2000

Vinde, Senhor Jesus!

.....
Por isso com orações,
com suspiros e agonia,
com lágrimas e com gemidos
Lhe rogavam noite e dia
que já se determinasse
a fazer-lhes companhia.
Uns diziam: Oh! Se fosse
no meu tempo essa alegria!
outros: Acaba, Senhor,
ao que hás-de enviar, envia;
outros: Oh! Se já rompesses
esses céus, eu já veria
com meus olhos que descesses,
e meu pranto cessaria!
Regai, ó nuvens do alto,
porque a terra to pedia,
e abra-se já a terra
que espinhos nos produzia,
e produza aquela flor
com que ele floresceria.

S. João da Cruz

O MUNDO DE DEUS

O decantado humanismo que hoje estamos a viver é a culminação de um processo de quatro séculos, que sefoi desenvolvendo numa dupla direcção: ascendente e descendente. No seu processo ascendente, o humanismo supôs um progressivo domínio do cosmos por parte do homem. No seu processo descendente, caracterizou-se por uma perda ou ocultação progressivos do sentido religioso. A esta conquista do cosmos por parte do homem deu-se o nome de “secularização”.

O significado primordial e imediato da secularização não tem nada a ver com a religiosidade. Trata-se fundamentalmente duma transformação radical da relação do homem com o mundo.

Antigamente o homem considerava a natureza como uma realidade que o dominava. Sentia-se perdido, ou ao abrigo, nessa natureza insondável, perante umas forças misteriosas. Considerava-se a natureza como divina e misteriosa. Via-se nela directamente o rasto de Deus.

Hoje tudo mudou. Antes a natureza aparecia divinizada, agora a natureza é obra do homem. Quando esta se vê submetida às técnicas científicas, já não é outra coisa que um simples material nas mãos do homem criador. O mundo é, então, a natureza que manifesta em si o rasto do homem. Embora esta

domesticação da natureza por parte do homem ainda esteja no seu início, este já não se sente dominado por ela. Hoje o homem sai triunfalmente ao encontro da natureza e, com o seu poder técnico obriga-a a submeter-se a ele.

O facto da secularização tem um sentido neutro. Não se pronuncia nem a favor nem em contra de Deus. Trata-se, simplesmente, do desenvolvimento de toda a potencialidade criadora do homem.

Embora a secularização seja neutra e Deus não esteja em causa, o facto é que ela vai associada a uma perda progressiva do sentido do sagrado e da relação do homem com Deus. Consciente da sua maioria de idade na sua vertente humana, o homem abandona as suas relações com Deus, deixa os seus deveres religiosos, convencido de que a religião pertence a um estado de infantilismo alienante, já superado.

Ao homem já não lhe interessa a procura do “ser”, mas do “fazer”. Já não lhe interessa a “verdade” em si, mas a sua utilidade prática para a plena realização dos interesse vitais

As consequências destes princípios filosóficos atingiram o mesmo Deus. Se aquilo que interessa não é “o ser” mas “o fazer”, porquê preocupar-se de Deus? Por outro lado, a exaltação do homem como demiurgo do mundo leva espontaneamente à eliminação de Deus.

Neste contexto podemos falar duma ausência de Deus na sociedade secularizada como a nossa. Isto não quer dizer que Deus esteja teologicamente ausente, nem tão-pouco quer dizer que não haja manifestações religiosas que aludam à presença de Deus na vida humana. Também não quer dizer que toda a gente seja arreligiosa. O que queremos dizer é que o contexto sócio-cultural é basicamente alheio à pergunta sobre Deus.

O imaginário religioso perdeu o seu carácter referencial para a cultura, as leis, os valores éticos e sociais ou para os comportamentos dos cidadãos. Deus é um referente ausente no âmbito público, tanto nas Constituições dos estados como na vida prática das pessoas.

Deus já não está de moda nas nossas sociedades, embora sim o estejam práticas mágicas, pseudo-religiosas e sectárias que manifestam uma carência e necessidades colectivas não assistidas na sociedade de hoje.

Ao mudar o contexto sócio-cultural diluem-se as estruturas que asseguravam uma religiosidade estável e

uma espiritualidade tradicional apoiada e regulada institucionalmente.

Nós temos que viver sem a protecção do tecido social cristão, que antes impregnava a sociedade. Ou seja, o cristão encontra-se hoje sócio culturalmente menos protegido que antes. Já não resulta tão fácil o cristianismo sociológico, que se fundamentava na tradição e no costume.

UM MUNDO DE CONTRASTES

No mundo em que nos toca viver e, neste dobrar a página do século XX, existem grandes contrastes. Se por um lado muitos proclamam a "morte de Deus", outros afirmam que "Deus não pode morrer". A morte de Deus levaria consigo a morte do homem.

Pelos anos 60 e 70 começaram a aparecer por toda a França grupos e movimentos de novos místicos e a maior parte deles nascem à margem das grandes Igrejas. Os bispos franceses falavam dum "despertar de uma certa corrente mística em determinados grupos de jovens".

O Cardeal Alfrink, dirigindo-se ao Sínodo dos Bispos celebrado em Roma em Novembro de 1971, observava: "Os nocivos efeitos do processo de secularização ainda continuam a preocupar-nos, embora já em muitos países os nossos jovens estejam reencontrando o caminho que leva a Deus e a Cristo, comprometendo-se em construir um mundo melhor e redescobrimo a via da contemplação. Tudo isto sucede totalmente fora das estruturas oficiais das Igrejas. Não deveria obrigar-nos, pois, a um sério exame de consciência?"

O P. Schillebeeckx, ao reflectir sobre este movimento de aproximação e procura da oração contemplativa, escreveu em 1977: "Assistimos hoje ao nascimento duma nova sensibilidade para as dimensões místicas da vida humana ... Advertimos que ao princípio, este interesse se orientou, principalmente, para formas de espiritualidade asiática, mas que nos últimos anos, sobretudo nos Estados Unidos da América e na Europa, dirigiu-se em certa medida para uma tomada de contacto com os místicos da tradição cristã. São João da Cruz, sobretudo, volta a estar de moda. A pergunta pelo mistério mais profundo da vida inquieta muita gente".

Vemos que os místicos estão de volta e que a mística suscita actualmente uma grande curiosidade, enquanto que as instituições eclesíásticas provocam certa alergia. Muitos consideram arcaicas essas instituições pela incapacidade de responder à fome espiritual que marca o fim do século. O desejo do homem visa a experiência imediata de Deus. Nesta perspectiva, muitos acham que as Igrejas são fontes de violência por causa da sua intransigência dogmática ou prática, e porque não favorecem a experiência espiritual. Embora todos concordem que as instituições eclesíásticas estão em crise, poucos explicam este recuo das Igrejas e o interesse pela mística. Tratar-se-ia sobretudo de uma aplicação da recusa geral dos controles à experiência

do divino. Deus só pode ser encontrado onde se vive em liberdade.

Como escreve o grande teólogo Von Balthasar: "a nossa sociedade secularizada lamenta-se de Deus se encontrar tão longe e parecer ter morrido ... O homem sedento de experiência religiosa não encontra na Igreja outra coisa que uma organização humana, a armadura de uma fria instituição social. Por toda a parte ressoa o grito: 'Onde fazer a experiência de Deus?', pois o homem necessita um mínimo de experiência que lhe sirva de trampolim para o salto na fé".

Há uma procura da verdade, da bondade e da beleza que, como dizia o Papa João Paulo II aquando do IV centenário da morte de S. João da Cruz, "caracteriza as profundas aspirações humanas". E sobre estes valores transcendentais tão necessários à nossa sociedade, "abre-se – continua o Papa – o mais fecundo diálogo entre fé e cultura. Um diálogo cada vez mais necessário para que a verdade esteja acima das ideologias, a bondade e o amor superem as divisões e os ódios, os valores do espírito construam o homem interior, e a aspiração à beleza transcendental o eleve à sua verdadeira dignidade de filho de Deus. Não é esta, em definitivo, a mensagem do Doutor místico? A S. João da Cruz confio especialmente os meus desejos de que seja cada vez mais intenso o diálogo entre cultura e fé".

Ora bem, é nesta situação cultural e religiosa que nós Carmelitas, religiosos e leigos, devemos julgar da actualidade da nossa vocação e da necessidade que o mundo e a Igreja têm da espiritualidade do Carmelo.

Perante esta situação são necessários homens e mulheres que sejam modelos de síntese entre cultura e fé. E é neste campo que, já há muito, estão actuando os autores espirituais do Carmelo. Os doutores místicos do Carmelo, Santa Teresa de Jesus, S. João da Cruz, Santa Teresa do Menino Jesus e Santa Edith Stein da Cruz, são interlocutores privilegiados com o mundo da cultura. É precisamente por esta via que eles exerceram, exercem e cada vez mais exercerão influência no desenvolvimento da Europa e da humanidade. Estes nossos santos são verdadeiramente ecuménicos no sentido mais amplo da palavra.

Depois de um contacto directo com os seus escritos, não podemos deixar de admirar a incidência existencial da sua mensagem. Aquilo que para alguns poderiam parecer "delicadezas místicas para um restrito grupo de pessoas", para nós apresenta-se claramente como um testemunho e uma palavra válida e desafiante para o homem contemporâneo. A mística não é um couto fechado, reservado a uns privilegiados. Já é um dado adquirido: todos estamos chamados à mística, à experiência de Deus. As experiências que o místico passa na sua caminhada à união com Deus, vive-o todo o cristão.

Hoje fala-se das noites escuras civilizacionais, culturais, epocais. Traslada-se para o colectivo o que o místico vive e descreve a nível individual. Actualmente ouvimos falar da Igreja à intempérie, da invernia da Igreja. A humanidade está a fazer a sua travessia de deserto.

O Papa João Paulo II, grande conhecedor do interior do homem moderno e da espiritualidade sãojoanista escreve: "Penso que para compreender a dignidade do homem, as possibilidades da pessoa humana, é necessário passar, pelo menos uma vez, pela teologia sãojoanista; passar, diria, pela dimensão do homem que nos descobre a doutrina de S. João da Cruz. Então se saberá o que quer dizer **homem**. Então, o homem não se poderá esquecer da sua dignidade".

TESTEMUNHAS DO DEUS VIVO

No mundo em que vivemos existe uma resistência por parte dos cristãos à inserção na cultura não religiosa, mantendo a identidade e oferecendo um testemunho. A consciência de nos encontrarmos numa terra alheia debilita a própria identidade. Apresentar-se como crente e manifestá-lo publicamente não está de moda; parece algo anacrónico. A grande tentação é a instalação teórica e prática na sociedade, o assumir a privacidade individualista da própria fé e silenciar o anelo de um Deus cuja ausência de constata e deixa um vazio. Facilmente nos acostumamos a viver nesta ausência de Deus e pouco a pouco deixamos de sentir esse vazio, acabando por deixar de procurar a Deus.

A experiência do Salmo 137 tem uma especial relevância no nosso contexto histórico, cultural e social actual e pode servir-nos de marco para fazermos uma reflexão espiritual séria.

Os israelitas choram a Sião perdida, recordam a Deus no exílio e constata o perigo de se esquecerem de Deus ao adaptarem-se a uma nova situação. A experiência da ausência contrasta com a força do desejo de Deus. Babilónia é o contexto cultural, social e geográfico do povo judeu, mas o espírito está longe, na longínqua pátria, lugar simbólico em que Deus se torna presente.

Neste contexto de ausência de Deus, eles sentem-se constrangidos a cantar. Mas: "Como cantar os cânticos do Senhor numa terra alheia? Se de ti, Jerusalém, eu me esquecer, seja ressequida a minha dextra. Pegue-se a minha língua ao paladar, se me não lembrar de ti; se não colocar Jerusalém acima de todas as minhas alegrias" (Sl 137, 4-6).

Como escrevia, anos atrás, o Padre Rahner, o futuro do cristianismo passa pela dimensão mística, ou seja, pela experiência de Deus silencioso e pelo compromisso com o homem e a transformação da sociedade. O novo modelo da presença de Deus na nossa cultura passa por uma espiritualidade inserta na sociedade, susceptível de ser vivida pelos leigos e atenta tanto à secularidade e à ausência de Deus, como à necessidade de transformar o contexto social para o tornar mais receptivo aos valores do Evangelho e mais coerente com a dignidade humana.

Perante a incredulidade, revalorizam-se as pessoas simbólicas que fazem inteligível o Evangelho a partir duns compromissos e actitudes humanamente válidos para todos, crentes e não crentes, aparecendo profundamente identificados com o Evangelho.

Talvez a ausência destas testemunhas, simultaneamente crentes e cidadãos do nosso tempo, seja uma das causas determinantes da pouca atracção da Igreja nas nossas sociedades do primeiro mundo.

Neste mundo de contrastes tão acentuados, no que diz respeito aos valores religiosos, nós Carmelitas temos que ser testemunhas do Deus vivo. Esta é a nossa vocação. As nossas fraternidades da Ordem Secular devem procurar intensamente a experiência de Deus. E esta experiência de Deus entranha duas dimensões: a contemplativa, a orante e a apostólica.

Por isto mesmo a experiência de Deus não se limita aos tempos de oração, embora se alimente deles. A experiência de Deus entende-se como a alma que catalisa e integra todos os aspectos da vida cristã, nutre-se deles e encarna-se neles. A experiência de Deus não é uma parcela ou um capítulo à parte. Atravessa tanto os momentos orantes como todos os outros do seu dia à dia. Para o homem, ou mulher, que faz a experiência de Deus é tão santo o comer como o rezar.

O Carmelita secular que queira ser testemunha do Deus vivo, homem de experiência de Deus, além do seu compromisso familiar e social, tem que ter presente estas três coordenadas: oração, solidariedade e fraternidade ou comunidade. Estes são os compromissos que faz o leigo carmelita.

As fraternidades teresianas cultivam sobrema-neira a oração e a amizade. São duas realidades interdependentes. Não se dá uma sem a outra. A oração, diz Santa Teresa "é um frato de amizade". Quem não sabe de amizade não sabe de oração. Ela dá uma importância enorme ao convívio e à amizade: "Quanto mais santas, mais conversáveis", dizia ela.

Ela viveu a sua primeira fase de vida religiosa na Encarnação de Ávila. Ali permaneceu 27 anos. Era uma comunidade composta por cento e tantas freiras. A disciplina não podia ser outra que a de quartel. Teresa de Jesus abafava afectiva e espiritualmente. Reforma o Carmelo construindo comunidades de treze religiosas; mais tarde eleva o número para vinte e por aí ficou.

Ela com esta decisão não visava outra coisa que a experiência de Deus e a experiência orante em sumo grau. "Antes de falar do interior, escreve ela, que é a oração, direi algumas que são necessárias às que pretendem ir por este caminho, e tão necessárias são que, tendo-as, ainda mesmo que não sejam muito contemplativas, poderão ir muito adiante no serviço do Senhor. É porém impossível, se não as tiverem, ser muito contemplativas; e quando pensarem que o são, estão muito enganadas ... Uma é o amor de umas para com outras; outra, o desapego das coisas criadas; e a terceira, a verdadeira humildade.

Quanto à primeira, que é amar-vos muito umas às outras, vai nisto muito, muito. Pois não há coisa enfadonha que não se passe com facilidade entre os que se amam" (CP 4, 3-5).

Teresa de Jesus, a partir da própria experiência, dirá: "Grande mal é uma alma achar-se sozinha". E aconselha "aos que têm oração – em especial ao princípio – que procurem amizade e trato com outras pessoas que tratem do mesmo" (V 7,20).

GRUPOS DE ORAÇÃO E AMIZADE

Orar não é nada fácil. Às vezes até temos a impressão que é uma tarefa impossível; por isso mesmo muitos ficam pelo caminho, abandonando a oração. É aqui e nestes momentos que descobrimos a nossa mais autêntica e extrema pobreza e radical incapacidade. Jesus já nos previne: “Sem mim nada podeis fazer”. Por isso a primeira coisa que devemos fazer antes de começar a nossa oração é pedir auxílio. E o nosso auxílio vem do Senhor, que fez o céu e a terra.

E a presença dos irmãos com Maria ajuda a nossa oração: “E todos unidos pelo mesmo sentimento, entregavam-se assiduamente à oração, em companhia de algumas mulheres, entre as quais Maria Mãe de Jesus” (Act 1,14).

Os grupos de oração e amizade são grupos de pessoas que desejam ter um maior conhecimento da oração, para vivê-la e, na medida do possível, dá-la a conhecer.

Os objectivos destes grupos são os seguintes:

- Crescer no espírito de oração.
- Fazer parte de um grupo onde exista uma amizade forte e sincera, que tem Deus como alicerce.
- Dar a conhecer a oração no ambiente em que se vive.

Todos os grupos devem ter o seu doente que, embora não assista às reuniões, compromete-se a cumprir, como qualquer membro do grupo, as obrigações do grupo no que diz respeito à oração. Pede-se-lhe que ofereça os seus sofrimentos e reze pelo grupo orante.

Convém que todos os membros do grupo conheçam o doente. Antes da reunião do grupo para a oração o doente deve ser visitado por algum dos seus membros e informado do dia e da hora da oração.

Se as circunstâncias o permitirem, seria bom fazer a oração, alguma vez, na casa do doente. Isto como caso extraordinário.

É aconselhável que o grupo mantenha certa relação com um convento de clausura para que se sinta ajudado pelas orações dos religiosos ou religiosas. É bom fazer também alguma vez a reunião nesse convento.

Estes grupos de oração e amizade, porque são cristãos, não são grupos fechados. Os seus horizontes são vastos, como os de Jesus. Devem olhar e sentir ao longe. A salvação de todos deve ser a sua preocupação. As missões devem ocupar um lugar privilegiado na sua oração.

Cada grupo deve apadrinhar uma missão determinada que ajude com a sua oração. A correspondência com essa missão recomenda-se.

Queremos que o grupo seja um pequeno “colégio de Cristo”. Jesus não passou à história. Porque ressuscitou, está vivo e presente na sua Igreja de muitas e diversas maneiras. “Onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, aí estou eu no meio deles” (Mt 18, 20). Está presente “ensinando”, “orando” e “divertindo-se”. O grupo não o pode perder de vista.

Estes grupos devem viver intensamente a presença de Jesus na sua Palavra. Jesus “está presente na sua Palavra, pois é Ele que fala ao ser lida na Igreja a Sagrada Escritura” (SC 7). O grupo deve sentir-se Igreja aprendiz e orante

Como a oração é um diálogo de Deus com o homem e vice-versa, nada melhor que a Sagrada Escritura para orar. Diz o Concílio: “Nos livros Sagrados o Pai que está nos céus vem amorosamente ao encontro dos Seus filhos e

conversa com eles; e é tanta a força e a virtude que radica na palavra de Deus, que é, na verdade, apoio e vigor da Igreja, fortaleza da fé para os filhos da Igreja, alimento da alma, fonte pura e perene da vida espiritual” (DV 21).

O grupo deve venerar a Sagrada Escritura, como venera o Corpo do Senhor. Bíblia quer dizer: O LIVRO.

Quando no tempo de Santa Teresa proibem a Bíblia em língua vulgar, ela vai diante de Jesus e queixa-se. E Jesus responde-lhe: “Não te preocupes, eu te darei livro vivo”. Ela num princípio não entendeu o sentido destas palavras; mais tarde compreendeu que o *livro vivo* era Ele.

E o que Jesus lhe poderia comunicar através da palavra escrita, comunicava-lho directamente. Quando lemos ou ouvimos ler este Livro escutamos Jesus.

Os grupos são de oração e amizade. Oração e amizade vão juntas. Quem não sabe de amizade não sabe de oração. Porque a oração, como diz Santa Teresa de Jesus: “é um trato de amizade estando muitas vezes a sós com quem sabemos que nos ama”. Amizade com Jesus e amizade com os irmãos. E será através da amizade dos irmãos que experimentaremos o amor de Jesus e faremos a experiência da oração. “Nada há tão forte nas coisas humanas, para manter o olhar intensamente aberto a Deus, como a amizade dos amigos de Deus”.

Na actual economia da graça tudo é sacramental. E a amizade dos amigos de Deus é um sacramento de Deus.

Normas práticas

1. Para que o grupo possa funcionar, como se deseja, não deve ser muito grande. Procure-se que não sejam mais de doze membros.
2. O grupo reúne-se à volta dum símbolo que desperte a presença de Jesus no meio. Nenhum melhor que um círio ou a Sagrada Escritura aberta.
3. Começa-se pedindo o auxílio do Senhor.
4. Lê-se, muito pausadamente, uma passagem da Sagrada Escritura, escolhida previamente.
5. Guarda-se uns momentos de silêncio.
6. Repete-se a leitura.
7. Novamente um tempo de silêncio.
8. Tempo de partilha. Cada um põe em comum, com muita simplicidade, o que o Senhor lhe disse através da leitura escutada. O momento da partilha não é para fazer discursos nem para dar recados a ninguém. Fala-se no singular: “a mim o Senhor disse-me isto ...”.
9. Tempo de dar graças ao Senhor e pedir por aquilo que cada um bem entender.
10. Ninguém é obrigado a falar.
11. Pelo meio pode-se introduzir algum cântico, como ao grupo parecer.

Desejamos a toda a Família do Carmelo Teresiano um Santo e Feliz Natal e um Ano Novo cheio das maiores bênçãos do céu.

Boletim informativo das Fraternidades da Ordem Secular da Província Portuguesa de Nossa Senhora do Carmo dos Padres Carmelitas Descalços * Responsável da publicação: P. Jeremias Carlos Vechina * Sede: Rua de Angola, 6 * 2780-564 Paço de Arcos * Tel. 214433706 – Fax 214438779 – E-mail: ocdpacodearcos@mail.telepac.pt